

O futebol sem o jogo

Dois dias da queda do avião da Chapecoense

Yuri Bassichetto Tambucci



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3265>

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Yuri Bassichetto Tambucci, «O futebol sem o jogo», *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 dezembro 2016, consultado o 29 novembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3265>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 de novembro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

O futebol sem o jogo

Dois dias da queda do avião da Chapecoense

Yuri Bassichetto Tambucci

- 1 Na manhã de terça-feira, 29 de novembro de 2016, a primeira notícia veio por amigos, pelo celular: o avião que levava a equipe da Chapecoense e jornalistas para a final da Copa Sulamericana tinha caído, deixando 71 mortos. Minha perplexidade inicial aos poucos deu lugar a uma narrativa mais completa, à medida em que a memória trabalhava e em que começava a acompanhar as notícias divulgadas via rádio, internet e televisão. Dois dias antes a equipe jogara em São Paulo uma partida contra o Palmeiras, pela penúltima rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol. O jogo marcou a conquista do título do alviverde paulistano e o último compromisso do alviverde catarinense antes do mais importante jogo de sua história, a primeira final de um torneio continental. De São Paulo, os jogadores, membros da comissão técnica, jornalistas, dirigentes e convidados seguiriam viagem diretamente para Medellín, na Colômbia, em voo fretado pela companhia aérea boliviana Lamia. No entanto, por conta da legislação aérea nacional (Código Brasileiro de Aeronáutica) e internacional (Convenção de Chicago), que exigem que voos internacionais devam ser realizados por companhias aéreas do mesmo país que a origem ou o destino da viagem, o trajeto foi dividido em dois trechos. Os passageiros seguiriam em voo comercial de São Paulo a Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, e de lá pegariam o avião da Lamia até a Colômbia. As primeiras notícias sobre o acidente trouxeram a possibilidade de o avião ter ficado sem combustível, versão que ganhou força nos dias seguintes, mas que chegou a ser descartada no início por parecer absurda.
- 2 A imprensa fez uma programação especial para trazer as informações sobre o desastre. “Especialistas” foram chamados e, apresentados como tal, passaram a especular a partir das poucas informações então disponíveis quais as causas da queda do avião. Fátima Bernardes, em seu programa matutino na Rede Globo, falou com Galvão Bueno. Com gravidade e voz embargada, Galvão disse que aquele era um dos momentos mais difíceis de sua carreira como jornalista. Disse ser impossível deixar de lembrar de quando narrou o acidente que vitimou Ayrton Senna em 1994. O desastre da madrugada começava a ser entendido como uma das grandes tragédias nacionais. A morte de

Ayrton Senna e o acidente aéreo que matou os integrantes da banda Mamonas Assassinas foram lembrados por apresentadores em vários canais da televisão e também nas redes sociais. Na sequência do programa “Encontro”, Fátima Bernardes entrou em contato telefônico ao vivo com Cláudio Winck, jogador da Chapecoense que não estava relacionado para a partida e tropeçou nas palavras ao procurar o tom correto para a conversa: “bom... bom d... se é que a gente pode dizer bom dia, não é? Olá, Cláudio, tudo b...? É... queria saber de você, nos perdoe, a gente fica nesse momento também confusa”. Em seguida, falou com Guilherme Biteco, irmão de Matheus Biteco, volante de 21 anos que não estava entre os resgatados. Com perguntas genéricas, parecia procurar um depoimento emocionado, até encerrar com a pergunta: “Vocês ainda aguardam por um milagre, né?”.

- 3 A postura dos jornalistas era avaliada a todo momento nas redes sociais. Fátima foi criticada e chegou a ser chamada de oportunista, por ter entrevistado familiares das vítimas. Enquanto isso, a rede Esporte Interativo divulgou um comunicado no qual afirmava que, por decisão editorial e em respeito a seu luto, não entrevistaria parentes das vítimas, atitude que gerou manifestações de apoio no Facebook e Twitter. Milton Neves escreveu em sua conta no Twitter: “Ah se o Danilo não tivesse feito aquele milagre no fim do jogo contra o San Lorenzo... É a vida!”. Muito criticado, justificou que o Brasil é “o país do SE”, e que a lembrança da defesa que garantiu a classificação da Chapecoense à final deveria ser compreendida como uma forma de homenagem. O portal Catraca Livre publicou uma galeria de imagens em seu site com a chamada: “Jogadores do Chapecoense fazendo selfie do avião que, pouco depois, se acidentaria. Uma galeria revela imagens do registro do último dia de vida”. Com uma grande quantidade de críticas e uma campanha que reduziu significativamente a quantidade de “curtidas” em sua página do Facebook, o perfil Catraca Livre ainda publicou pedidos de desculpas, deletados posteriormente junto com a controversa galeria de imagens. No lugar dos pedidos de desculpas, o criador do site, Gilberto Dimeinstein publicou um texto assumindo o erro e recordando o fato de ter sido vencedor de “muitos prêmios como escritor e jornalista”.
- 4 Ao longo da manhã, como seria no restante do dia, o acidente foi o principal assunto dos programas de TV. Renata Fan e o ex-jogador Denilson, apresentadores do programa esportivo Jogo Aberto, da Band, choraram ao exibir e comentar as notícias. Denilson precisou deixar o programa em prantos ao lembrar dos colegas jogadores e jornalistas vitimados. Pensando nas famílias, explicou que os jogadores de futebol têm as “costas largas”, isto é, a responsabilidade de sustentar uma grande quantidade de pessoas. A vinheta do programa na transição para os comerciais foi silenciosa, sem o tradicional tema de guitarra. Renata Fan, vestindo preto e com os olhos vermelhos, apresentou um *merchan* (termo usado para se referir à divulgação de um produto durante o programa) com menos entusiasmo que o costume. A seguir, Neto, ex-jogador e apresentador do programa Donos da Bola, começou o programa dizendo que estava lá como ser humano, não como apresentador de um programa esportivo. Lembrou de amigos jornalistas e de suas famílias. Sobre os sobreviventes, explicou que o goleiro Jackson Follmann “parece que teve que amputar uma perna”, dizendo se tratar de uma informação não-oficial. Em seguida, se contradisse afirmando que não traz nenhuma informação que não esteja comprovada. Na noite de terça-feira, o Jornal Nacional, principal jornal televisivo brasileiro, homenageou as vítimas do acidente ao final da edição, de modo que os jornalistas mortos na tragédia também fossem lembrados: “todos nós sabemos como o esporte provoca emoção e paixão. Os atletas são os grandes protagonistas de tantas

histórias inesquecíveis. São eles, os técnicos e os dirigentes que fazem o espetáculo. Mas quem leva a você a emoção que o futebol provoca são os jornalistas: das TVs, das rádios, dos jornais impressos e da internet. É absolutamente simbólico, e muito triste, que seja esse acidente a nos lembrar, de forma tão explícita, essa ligação.”

- 5 Logo as consequências do acidente no campo esportivo começaram a aparecer. A decisão sobre a suspensão do jogo do dia seguinte foi rapidamente tomada pela Conmebol. O Atlético Nacional, que enfrentaria a Chapecoense na final, divulgou um comunicado em seu site oficial, no qual pedia o cancelamento da partida e reconhecia a Chapecoense como campeã: “De nuestra parte, y para siempre, Chapecoense Campéon de la Copa Sudamericana 2016” (texto que se tornou música a ser cantada por torcedores do Atlético Nacional em suas manifestações de apoio e homenagens). A atitude louvada pela imprensa brasileira e pelos usuários das redes sociais também teve críticos: no dia seguinte ao acidente, o presidente da equipe argentina Huracan chamou a diretoria da equipe colombiana de demagógica, lembrando que na taça Libertadores desse ano ela não aceitou postergar uma partida após um acidente ocorrido com o ônibus da equipe argentina.
- 6 Equipes brasileiras e de outros países, desde o começo da manhã de terça-feira, divulgaram notas pelas redes sociais e trocaram suas imagens de perfil para homenagear a equipe catarinense. O símbolo da Chapecoense escurecido se multiplicou em perfis pessoais e institucionais. Ao mesmo tempo, várias equipes substituíram os seus brasões por homenagens e publicaram a frase “Hoje, todos os times do Brasil são um só”. Clubes que sofreram em sua história com acidentes semelhantes, como o italiano Torino, o inglês Manchester United e o peruano Alianza Lima prestaram solidariedade publicando mensagens. Outros se manifestaram a partir de orações, minutos de silêncio e uniformes especiais com o brasão da Chapecoense original ou em cinza, com um laço preto representando o luto. O Palmeiras anunciou que jogaria com o uniforme da Chapecoense na última rodada do campeonato, sendo seguido por outras equipes. Outra ideia que circulou, propunha que todos os times utilizassem as cores da Chapecoense durante a última rodada do Campeonato Brasileiro, com os mandantes de verde e os visitantes de branco. O Corinthians abriu mão de uma interdição simbólica e utilizou a cor verde em suas mídias sociais. Vários de seus torcedores viram o gesto com orgulho e pediram que a equipe fizesse um uniforme verde. Montagens começaram a circular pela internet, gerando debates e controvérsias entre os torcedores alvinegros. Os presidentes de Figueirense e Avaí, rivais catarinenses, sentaram à mesma mesa para uma coletiva de imprensa em que lamentaram o acidente e exaltaram o trabalho de Delfim de Pádua Peixoto Filho, dirigente da Federação Catarinense de Futebol, que também morreu no voo.



Imagem 1 - colagem disseminada na internet mostra as equipes brasileiras homenageando a Chapecoense.



Imagem 2 - Montagem feita e compartilhada por torcedores sugere um uniforme branco e verde para a equipe do Corinthians. Não foi possível identificar a autoria.

- 7 Um vídeo gravado na primeira parte da viagem e enviado pelos jogadores aos seus amigos e familiares foi reproduzido por todos os meios de comunicação. A comemoração da classificação para a final, uma festa no vestiário com o canto da torcida “Vamos, vamos, Chapê” foi publicada pelo perfil oficial da equipe, com um pedido que esta fosse a última lembrança dos jogadores.
- 8 A CBF se pronunciou apenas durante a tarde de terça feira e decretou um luto oficial de 7 dias, postergando assim tanto a final da Copa do Brasil como a última rodada do

Campeonato Brasileiro. Um grupo de equipes publicou uma nota oferecendo ajuda para a equipe da Chapecoense, sugerindo o empréstimo de jogadores sem custo e solicitando à CBF que a equipe ficasse imune do rebaixamento no Campeonato Brasileiro por três temporadas. Por sua vez, Fernando Carvalho, um dirigente do Internacional, clube de Porto Alegre-RS ameaçado pelo rebaixamento no Campeonato Brasileiro lamentou o adiamento, dizendo que seu clube também vive uma “tragédia particular”. Criticado pela comparação, o dirigente divulgou um pedido de desculpas, afirmando ter se equivocado ao usar o termo “tragédia”.

- 9 As formas de ajuda individuais também cresceram ao longo dos dois dias: o número de sócios-torcedores da Chapecoense subiu e continuaria crescendo nos dias seguintes, o que tirou o site do ar e fez com que uma nova categoria de filiação fosse criada, permitindo mais opções para quem quisesse colaborar com o time; uma campanha de crowdfunding foi iniciada; torcedores passaram a procurar uniformes da equipe em lojas virtuais. A Netshoes, uma das maiores lojas virtuais de artigos esportivos, enfrentou críticas e foi acusada de querer tirar vantagens da situação, porque o uniforme sofreu um aumento de preço na madrugada de segunda para terça-feira. A empresa comunicou que a mudança de preço ocorreu de forma automática no site, antes das primeiras notícias do acidente; informando ainda que o uniforme estava esgotado e, assim que os estoques fossem repostos, o preço promocional por conta da Black Friday, voltaria.
- 10 A imprensa internacional passou a divulgar as notícias sobre o acidente. Vários veículos internacionais divulgaram a história e o retrospecto da Chapecoense com termos semelhantes. A equipe alviverde foi tratada como vivendo um “conto de Cinderela” pelo Washington Post (EUA); “conto de fadas” também foi a expressão usada pelo Independent (Reino Unido) e outros jornais europeus e estadunidenses; o El País (Espanha) destacou que “o sonho da Chapecoense morre na montanha”; “sonho” também foi o termo que predominou nas notícias veiculadas pela América Latina. Uma das imagens mais reproduzidas para ilustrar as notícias foi a de um menino na arquibancada da Arena Condá (estádio da cidade de Chapecó), sentado sozinho, cabisbaixo e com os braços cruzados. Embora a imagem da criança fosse compatível com o sentimento de luto expresso nas matérias jornalísticas, sua mãe explicou em entrevista que o filho estava chateado, pois na ocasião não foi autorizado a levar sua bola de futebol para brincar na arquibancada, como era seu costume nos jogos da Chapecoense.



Imagem 3 - Capa do jornal esportivo AS da Espanha do dia 30 de novembro de 2016.

- 11 A profusão de histórias nos primeiros dias sobre as vítimas do acidente e a divulgação de informações imprecisas e contraditórias tornavam difícil distinguir quais histórias e informações eram confiáveis. O goleiro Danilo foi levado ao hospital com vida, mas não resistiu. Sua morte foi anunciada e desmentida diversas vezes. Um menino, morador local que ajudou no resgate inicial, foi tratado como “anjo” e como “fantasma”, por estar presente em várias imagens do início das buscas e depois não ser localizado ou identificado - depois se soube que ele e seu pai foram tirados do local pela equipe de resgate. Duas horas após o fim da busca por sobreviventes, foi anunciado o resgate do zagueiro Neto com vida pela polícia nacional, o que criou maior expectativa e esperança de mais resgates, mas que também contribuiu pela sensação de desinformação.
- 12 Na noite de quarta-feira, no horário em que seria realizada a partida, a longa e constante vigília de torcedores e familiares das vítimas na Arena Condá se transformou em uma missa e em uma série de homenagens. Na Colômbia, em Medellín, o estádio Atanasio Girardot, local da partida, se encheu de torcedores vestindo branco e fazendo suas homenagens ao adversário brasileiro. O evento foi transmitido ao vivo pelo Facebook e também por canais de televisão, gerando intensa comoção em torcedores brasileiros de todas as equipes. Com faixas nas arquibancadas em português, com o escudo enegrecido das duas equipes alviverdes no centro de campo e uma multidão com velas nos arredores do estádio, os colombianos procuravam estabelecer um laço solidário com o Brasil. Se lá havia bandeiras meio colombianas e meio brasileiras e uma faixa dizendo “uma nova família nasce”; aqui, torcedores mostraram admiração e respeito por seus colegas colombianos, prometendo a torcida pela equipe no Mundial de Clubes. O respeito demonstrado entre torcedores brasileiros e colombianos provocou um fenômeno curioso no qual a relação tensa entre as seleções de futebol de Brasil e Colômbia foi transformada. O jogo duro e até violento que caracterizou os últimos jogos

entre as equipes, marcado pela imagem da falta do lateral Zuñiga em Neymar nas quartas-de-final da Copa do Mundo de 2014, deu lugar a outra imagem da mesma partida: o abraço consolador de David Luís no colombiano James Rodríguez que chorava ao final da partida.



Imagem 4 - O usuário do Twitter @sebasgrisalesr publicou um vídeo do estádio Atanasio Girardot e as ruas tomadas no entorno.

- 13 Enquanto dois estádios, um em Chapecó e outro em Medellín, recebiam uma multidão de torcedores, nas redes sociais, a hashtag #90minutosdesilêncio era usada para se pensar no jogo que deveria estar acontecendo. O perfil @legado_da_copa_, ao longo do tempo de jogo, narrou a “Final dos Sonhos”, dando à Chapecoense a história de um jogo quase perfeito, tão improvável quanto plausível, que terminou com uma vitória da equipe brasileira por 3 x 1. A frase “não é só futebol” passou a ser utilizada para dar a dimensão do que representavam as homenagens e parecia servir para ampliar o alcance das manifestações, justificando o sentimento de quem não gosta de futebol, mas se tocou com a tragédia. Por outro lado, algumas vezes também passaram a reconhecer a emoção sentida pelas manifestações de solidariedade em diversas partes do mundo, como algo que apenas o futebol seria capaz de proporcionar.
- 14 Entre entusiastas e indiferentes ao esporte, brasileiros, colombianos, torcedores de várias combinações de cores, jornalistas, jogadores e dirigentes, o acidente terrível se configurou como um acontecimento absorvente. Apesar da dor e do luto, os dias que se seguiram à tragédia se apresentaram como oportunos para a realização de debates sobre questões relacionadas ao futebol e a tudo que o envolve. Em dois dias, limites simbólicos e retóricos foram explorados pelos clubes, pela imprensa e por torcedores. Bandeiras de Brasil e Colômbia e brasões dos clubes passaram por diferentes experimentos estéticos e simbólicos, com a utilização de sobreposições, inversões e colagens, sem que as diversas rivalidades fossem abandonadas. A rua, a arquibancada e o campo de jogo, territórios cada vez mais apartados à medida em que a lógica do consumo se impõe sobre a lógica da torcida, adquiriram uma maior permeabilidade. Em Medellín e em Chapecó, os limites entre cidade e estádio e cimento e grama assumiram nova configuração, ainda que por pouco tempo, durante um jogo que não aconteceu.

AUTOR

YURI BASSICHETTO TAMBUCCI

yuribt@gmail.com

Mestre em Antropologia Social